



15° Congresso de Iniciação Científica

IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS E DO PROCESSO TÉCNICO SOBRE A RELAÇÃO DOS FORNECEDORES DE CANA DOS ESTADOS COM O MERCADO DE TRABALHO: O CASO DA MESOREGIÃO DE BAURU

Autor(es)

MILENE RAMOS

Orientador(es)

Eliana Tadeu Terzi

Apoio Financeiro

FAPIC

1. Introdução

O artigo é resultado de projeto de Iniciação Científica, que por sua vez, é desdobramento de pesquisa multiinstitucional que vem sendo desenvolvida com apoio do FAP-UNIMEP desde 2004. Na primeira etapa da pesquisa (08/2004 a 07/2005) destacou-se como universo de pesquisa as regiões mais significativas do estado de São Paulo - Piracicaba (a mais tradicional) e Ribeirão Preto (a mais moderna). Na segunda etapa (08/2005 a 07/2006) foram feitas adaptações e tomou-se como universo da pesquisa as sete principais mesoregiões canavieiras do estado e estudou-se os médios fornecedores de cana. Nessa etapa, os dados, organizados nas mesoregiões (divisão regional do IBGE) permitiram estudos específicos, sendo este voltado para a Mesoregião de Bauru que é a região canavieira que comporta a maior usina sucroalcooleira do mundo - a Usina da Barra. Segundo o censo de 1920, a cana de açúcar era responsável por 28,3% da área cultivada do Estado, sendo Piracicaba o município mais significativo, seguido por Santa Bárbara do Oeste e Campinas, com destaque ainda para Ribeirão Preto e Araraquara, representando 23,4% da cultura no Estado. A DIRA (Divisão Regional Agrícola - IBGE, metodologia não utilizada atualmente) de Bauru a cultura da cana ocupava 12,8% da área cultivada do Estado. A região teve sua agricultura baseada no café e milho até o final dos anos 50, após o que a cana-de-açúcar passou a ser a mais importante cultura (TARTAGLIA; OLIVEIRA, 1988). Até meados de 1920, a produção nordestina supria o mercado paulista, pois a produção paulista não atingia 20% do seu consumo (TARTAGLIA; OLIVEIRA, 1988). Em 1933 foi criado o IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool, no intuito de estabelecer uma política de planejamento da agroindústria canavieira, limitando a oferta, principalmente. A ação estatal, porém não impediu a concentração da produção, pois como as quotas de produção impostas para cada usina eram desobedecidas, a escala se ampliava mais e mais e as usinas acabaram substituindo os engenhos, impulsionando o setor metal

mecânico. Em 1949, o Estado de São Paulo passou a liderar a produção de cana-de-açúcar, e multiplicou por cinco a área cultivada no Estado. No final dos anos 50, inicia-se o processo de modernização da agricultura, incluindo as transformações mecânicas, químicas e biológicas, num novo padrão tecnológico e com a elevação dos índices de tratorização e consumo de fertilizantes, baseada quase exclusivamente nas importações (TARTAGLIA; OLIVEIRA, 1988). O Brasil se beneficiou com os efeitos da Revolução Cubana que excluiu Cuba do mercado preferencial americano. Nesse período (1960-1980) várias políticas foram adotadas, entre elas o IAA definiu uma política para aumentar as exportações e ampliar a capacidade produtiva do parque industrial e das lavouras. Em 1961 foi criado o Fundo de Recuperação da Agroindústria Canavieira, somando-se às linhas de crédito junto ao Banco do Brasil. No período de 1964 a 1968 foram criados o Programa Nacional de Melhoramentos da Cana-de-Açúcar e o Programa de Racionalização da Agroindústria Açucareira, que geraram melhores condições de aproveitamento da capacidade instalada, pesquisa e comercialização (SILVA, 1983) Em 1975 foi criado o PROÁLCOOL, com o objetivo de promover uma política energética alternativa, para substituir o petróleo, recebendo apoio das usinas e de produtores de equipamentos para destilarias. Além disto, o programa funcionava como órgão regulador do setor, função que perdeu a partir de 1990 quando se iniciou o processo de desregulação, com a extinção do IAA e a eliminação das quotas de produção, a liberalização da comercialização do álcool combustível em 1998 e dos preços do álcool anidro e hidratado, da cana, e do açúcar em 1999. Passado o período de adaptação inicial, em 1997 foi criada a ÚNICA (União da Indústria de Cana-de-açúcar), colocando-se a favor da desregulamentação total, e assumindo a organização dos produtores. O novo milênio abre perspectivas bastante favoráveis aos subprodutos da cana-de-açúcar, principalmente em virtude da melhoria dos preços do açúcar no mercado internacional e da assinatura do protocolo de Kioto que recomenda a adição de álcool a gasolina. Essa conjuntura propícia, num momento em que o setor se acomodara a nova situação de desregulação estatal, abre um vigoroso processo de expansão da produção. Para se ter uma idéia na safra 2005/2006 foram processadas no Estado de São Paulo, aproximadamente 243 milhões de toneladas de cana (UNICA). Desse total os fornecedores de Bauru foram responsáveis por 6.813.6363 toneladas, representando aproximadamente 2%, num total 15 unidades industriais, segundo dados da ORPLANA (Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil). Apesar da crise que se seguiu a desregulação da economia dos anos 1990, a geografia da expansão canavieira estava dada e permaneceu até a virada do milênio quando a desvalorização cambial veio favorecer novamente o açúcar brasileiro e o álcool retoma a agenda energética. Daí em diante a retomada da expansão foi vertiginosa no Brasil e no Estado de São Paulo, cuja área plantada saltou de 2,259 milhões de hectares para 2,951 milhões de ha, ou seja, cerca de 31%, segundo dados da Produção Agrícola Municipal do IBGE (instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Assim, pode-se dizer que o processo de expansão da cultura canavieira no estado de São Paulo esteve orientado por quatro fatores principais, e constitui variável importante para se perceber seus rumos relativamente a regionalização da produção: a origem e presença histórica da cultura, os efeitos da crise do café na década de 1930, a perda do mercado preferencial americano por Cuba na década de 1950, os efeitos do advento e crise do Proálcool em meados da década de 1970 até 1990 e a nova conjuntura a partir de 2000. Deste processo pode-se caracterizar as regiões canavieiras tendo em vista a expansão da fronteira vis-à-vis os diferentes momentos históricos: a) Regiões canavieiras tradicionais: Piracicaba; b) Regiões canavieiras formadas a partir da substituição do café: Assis, Ribeirão Preto, Araraquara e Bauru e; c) Regiões Canavieiras formadas a partir de 1950, regiões de fronteira: São José do Rio Preto e Araçatuba principalmente. As mudanças ocorridas refletem nas relações sociais dentro da cadeia produtiva da agroindústria canavieira, principalmente para os fornecedores de cana que estão no início da cadeia produtiva. Como não existe quota mínima e máxima de produção, a categoria é extremamente heterogênea, configurando um quadro bastante diversificado, notando-se presença significativa de pequenos fornecedores. Há divergências nos dados dos fornecedores entre as Associações que representam à categoria, e até mesmo com o IBGE, além, dos fornecedores não serem divididos entre ativos (produtores de cana) e passivos (arrendam sua terras aos produtores, não participando de nenhum evento do processo produtivo, mas permanecendo cadastrado como fornecedor), o que enfatizou a necessidade da pesquisa de campo.

2. Objetivos

Geral: Aprofundar a análise e traçar o perfil socioeconômico do fornecedor de cana, considerando as informações obtidas através da pesquisa de campo: demografia, ocupação, renda, e sua relação com o mercado de trabalho, especificamente para a Mesoregião de Bauru.

3. Desenvolvimento

O trabalho conjuga revisão bibliográfica e pesquisa de campo, baseada em aplicação de questionário e utilização de dados secundários obtidos nas diversas fontes institucionais ligadas ao setor sucroalcooleiro (IBGE, ORPLANA e Associações de fornecedores de cana). A pesquisa de campo constituiu-se de amostra representativa dos fornecedores, definida a partir da técnica de amostragem aleatória proporcional: 1- Tomou-se como universo da pesquisa as sete principais mesoregiões canavieiras do Estado de São Paulo de 6985 fornecedores; 2- Considerou-se apenas os 40% de fornecedores ativos que são realmente produtores, sendo o universo reduzido a 2794 fornecedores; 4- Aplicando-se o método probabilístico, tem-se uma amostra de 334 questionários, para o estado de São Paulo, sendo 54 na mesoregião de Bauru, universo deste; 5- Para as demais mesoregiões a amostra dos fornecedores distribui-se em: 02 - Araçatuba; 42 - Araraquara; 09 - Assis; 97 - Piracicaba; 97 - Ribeirão Preto, e 31 - São José do Rio Preto.

4. Resultados

Para a pesquisa de campo, os fornecedores foram estratificados de acordo com a quantidade de cana colhida: pequenos (até 800 ton) médios (801-10.000 ton) e grandes (mais de 10.000 ton). A Mesoregião de Bauru é composta em grande maioria por médios fornecedores (801 a 10000 ton), que representam 66%, no Estado de São Paulo eles representam 56% e, assim, por serem maioria os médios fornecedores caracterizam a categoria. Na Mesoregião de Bauru, os fornecedores se concentram na faixa de até 50 ha. Ao contrário do que foi observado em outras regiões, 55% dos pequenos produtores estão em faixas de até 50 ha. O arrendamento das terras de terceiros para aumento da produção é praticado na Mesoregião de Bauru, porém a maioria (64%) não arrenda terras. Na Mesoregião de Bauru, 81% dos fornecedores adquiriram a área própria há mais de 20 anos, percebe-se esse resultado também para o Estado de São Paulo. Na forma como foi adquirida a área, pode-se dizer que a herança coincide com as áreas adquiridas a mais de vinte anos. Na Mesoregião de Bauru, 87% dos fornecedores adquiriram sua área através de herança. Essa associação da herança com o tempo de aquisição também é presente nas demais regiões, perfazendo um total de 76% a aquisição das áreas em forma de herança para o Estado. Na colheita da cana (anexo 01) os resultados são mais diversificados para o estado de São Paulo. Na mesoregião de Bauru a mão de obra por empreitada responde por 61% da utilizada pelos fornecedores. Destaca-se que a mão de obra fornecida pelo turmeiro é utilizada apenas nas mesoregiões de Bauru e Piracicaba. A mão de obra assalariada diretamente é segunda mais utilizada (18%), seguida da fornecida pela usina (16%), mas em menor percentagem que no Estado. Na colheita a mão de obra familiar não é suficiente e representa aproximadamente 4% da mão de obra utilizada pelos fornecedores do Estado de São Paulo. Assim, a mão de obra fornecida pela usina (49%) é a mais utilizada, seguida da mão de obra terceirizada (22%). Percebe-se uma diversificação entre as mesoregiões estudadas, há mesoregiões que não utilizam trabalhadores fornecidos pela usina, entretanto, essa forma é a mais utilizada na colheita para o total do Estado. Os trabalhadores temporários são mais utilizados na fase de cultivo da cana, que são preparo do solo, plantio e trato. Na mesoregião de Bauru, 27% não fazem uso desse trabalhador e comparando se com o cultivo da cana pode-se afirmar que os trabalhadores temporários são contratados por terceiros. No Estado 69% não utilizam trabalhadores permanentes, mas em comparação com o cultivo da cana percebe-se que os fornecedores utilizam-nos no cultivo. O tempo de uso e a forma de contrato com os temporários comprovam esse fato. Na região de Bauru 70% utilizam os temporários por um período de 6 meses ou menos, mas é significativo (48%) o número de fornecedores que utilizam-nos por um período menor que 03 meses. Para o Estado de São Paulo os temporários na maioria (20%) também são contratados por período de 03 meses ou menos. Quanto ao registro em carteira (anexo 02) pode afirmar que aproximadamente metade dos fornecedores não registra em carteira. Quanto aos safristas, ficou mais visível que eles são contratados para o período da colheita. As atividades de corte e transporte estão separadas no

questionário aplicado na pesquisa, porém, para a mesoregião de Bauru todos que utilizam os safristas no corte utilizam-nos também para transporte por serem atividades ligadas à colheita. Percebe-se também que entre todos os fornecedores que utilizam safristas, o fazem no corte e transporte. Para o Estado de São Paulo uma pequena porcentagem de fornecedores utiliza nas atividades do cultivo da cana, mas a maioria utiliza no corte e transporte da cana, o tempo de uso dos safristas comprova. Na mesoregião de Bauru (78%) e no Estado de São Paulo (58%) os safristas são utilizados pela maioria dos fornecedores por um período não superior a 3 meses.

5. Considerações Finais

A mesoregião de Bauru representa 16% dos fornecedores do Estado, destes, os médios fornecedores representam 66% da categoria. No Estado de São Paulo representam 56%, assim, por serem maioria os médios fornecedores caracterizam a categoria. Com relação ao emprego da força humana no cultivo da cana, os resultados são mais diversificados para o Estado de São Paulo. No Estado de São Paulo a mão de obra assalariada representa 63%, seguida da mão de obra familiar que representa 28%. Na mesoregião de Bauru a mão de obra assalariada é utilizada por 74% dos fornecedores, entre os médios representa 66% e entre os grandes fornecedores representa 88%. Na mesoregião de Bauru, ainda há uma pequena presença da agricultura familiar, representada por 22% dos pequenos, 34% dos médios e 11% dos grandes fornecedores. A mão de obra fornecida pela usina não é utilizada pelos fornecedores da mesoregião de Bauru e no Estado de São Paulo ela representa 3%. Quanto ao contrato com os safristas (anexo 03) a maioria, tanto para a mesoregião de Bauru como para o Estado de São Paulo, utiliza trabalhadores terceirizados ou turmeiro. No Estado de São Paulo entre os fornecedores que utilizam os safristas, 18% apenas registram em carteira.

Referências Bibliográficas

TARTAGLIA, José Carlos; OLIVEIRA, Osvaldo Luiz de. A Agricultura Paulista em 1920. In: CANO, Wilson (org). A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920 - 1980). São Paulo: Sead, 1988 (Coleção Economia Paulista; v. 1, n.2). SILVA, José Graziano. Tecnologia e campesinato. Revista de Economia Política, vol.3, n.4, p. 21-55, outubro-dezembro 1983. www.ibge.org.br www.orplana.com.br www.unica.com.br

Anexos

Tabela 01 - Fornecedores de Cana segundo estrato de produção (toneladas) e emprego de força humana na colheita da cana.

Região / área	Produção em toneladas									
	1 a 200		201 a 800		801 a 4000		4001 a 10000 (+) de 10000			
Bauru	1	1,85%	8	14,81%	26	48,15%	10	18,52%	9	16,67%
Empreitada: usina			4	50,00%	3	11,54%	2	20,00%		
r.p.m.o assal contratada p/ fornecedor			1	12,50%	4	15,38%	3	30,00%	2	22,22%
r.p.e m.o familiar					1	3,85%				
Empreitada: terceirizada	1	100,00%	3	37,50%	16	61,54%	5	50,00%	4	44,44%
Empreitada: turmeiro					2	7,69%			2	22,22%
Outros									1	11,11%
Estado SP	3	0,90%	26	7,78%	121	36,23%	66	19,76%	118	35,33%
Empreitada usina	1	33,33%	14	53,85%	69	57,02%	35	53,03%	44	37,29%
r.p.m.o assal contratada p/ fornecedor			3	11,54%	6	4,96%	11	16,67%	43	36,44%
r.p.e m.o familiar	1	33,33%			5	4,13%	3	4,55%	2	1,69%
Empreitada: terceirizada	1	33,33%	6	23,08%	31	25,62%	13	19,70%	21	17,80%
Empreitada: turmeiro			3	11,54%	9	7,44%	3	4,55%	6	5,08%
Outros					1	0,83%	1	1,52%	2	1,69%

Fonte: Pesquisa de Campo – UNIMEP, 2005/2006

Tabela 02 - Fornecedores de cana segundo estrato de produção (toneladas) contrato utilizado com temporários

contrato/área	<i>Produção em toneladas</i>									
	1 a 200		201 a 800		801 a 4000		4001 a 10000		(+ de 10000)	
Bauru	1	1,85%	8	14,81%	26	48,15%	10	18,52%	9	16,67%
Registro em carteira			2	25,00%	4	15,38%	3	30,00%	4	44,44%
Sem registro em carteira	1	100,00%	2	25,00%	6	23,08%	4	40,00%	3	33,33%
Turmeiro										
Terceiriza					7	26,92%	2	20,00%	1	11,11%
Não utiliza			4	50,00%	9	34,62%	1	10,00%	1	11,11%
Estado SP	3	0,90%	26	7,78%	121	36,23%	66	19,76%	118	35,33%
Registro em carteira			2	7,69%	8	6,61%	6	9,09%	20	16,95%
Sem registro em carteira	1	33,33%	2	7,69%	18	14,88%	9	13,64%	9	7,63%
Turmeiro							2	3,03%	4	3,39%
Terceiriza					9	7,44%	6	9,09%	6	5,08%
Não utiliza	2	66,67%	22	84,62%	86	71,07%	43	65,15%	79	66,95%
Sem resposta							3	4,55%	2	1,70%

Tabela 03 - Fornecedores de cana segundo estrato de produção (tonelada de cana) e contrato utilizado com safristas

contrato/área	Produção em toneladas									
	1 a 200		201 a 800		801 a 4000		4001 a 10000		(+ de 10000 t	
Araraquara	1	1,85%	8	14,81%	26	48,15%	10	18,52%	9	16,67%
Registro em carteira							1	10%		
Sem registro em carteira										
Turmeiro							1	10%		
Terceiriza			1	12,50%	4	15,40%	2	20%	1	11%
Não utiliza	1	100%	7	87,50%	22	84,60%	6	60%	8	89%
Estado SP	3	0,90%	26	7,78%	121	36,23%	66	19,76%	118	35,33%
Registro em carteira					2	1,65%	7	10,60%	21	17,80%
Sem registro em carteira					2	1,65%			1	0,85%
Turmeiro			7	26,90%	17	14,05%	13	19,70%	18	15,25%
Terceiriza	1	33,33%	5	19,25%	29	24%	18	27,25%	21	17,80%
Não utiliza	2	66,66%	14	53,85%	71	58,65%	25	37,90%	55	46,60%
Sem resposta							3	4,55%	2	1,70%

Fonte: Pesquisa de Campo – UNIMEP, 2005/2006